

ORIGENS DA GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA

Luciana de França Oliveira Rodrigues¹
UNIABEU - UNIG

RESUMO

A história da globalização não é linear. Suas bases e fundamentos sempre dependem de interesses e concepções diferentes. Cada estudioso do assunto tende a focar sua base no aspecto que entende mais importante. E isso também não significa que o ponto de partida possa ser identificado, e que, por conta disso, todas as controvérsias serão elucidadas. O que é fundamental para a vida humana é que as descobertas decorrentes da globalização sirvam para diminuir desigualdades e proporcionar dignidade.

Palavras-chave: Origem. Globalização econômica. Fenômeno.

ABSTRACT

The story of globalization is not linear. Their bases and foundations always depend on different interests and conceptions. Each subject scholar tends to focus on its base in the aspect that considers more important. And it also does not mean that the starting point can be identified, and that because of that, all disputes will be elucidated. What is fundamental to human life, is that the findings of globalization serve to reduce inequalities and provide inequalities.

Keywords: Source. Economic globalization. Phenomenon

INTRODUÇÃO

O mundo está interligado. A comunicação é instantânea. Resultado do processo de interação e integração entre as pessoas e entes de diferentes nações. Processo esse conduzido pelo comércio internacional e auxiliado, hoje, pela tecnologia da informação. A origem é amplamente debatida. Seus reflexos recaem sobre todas as áreas nas sociedades ao redor do mundo.

¹ Advogada. Professora universitária (UNIABEU e UNIG). Mestre e Doutora em Direito.

Será objeto deste estudo a que afeta a área econômica com influência no Direito.

Na sua essência, a globalização é uma flexibilização de fronteiras, talvez, tornando-as mais acessíveis, fato que a informação não serve para todas. A competição global é um estímulo à criatividade e a inovação. A sensação de viver eterno recomeço.

O primeiro item discutirá se se trata de fenômeno, mito ou ideologia. Em seguida, o desenvolvimento como ondas ou fases de avanços e retrocessos. Por derradeiro, a tendência de opinar por identificá-la como fenômeno recente.

1 FENÔMENO, MITO OU IDEOLOGIA

Entender a globalização como fenômeno, mito ou ideologia¹ não é difícil. Difícil é encontrar datas e períodos exatos para o desencadeamento da história da humanidade em consonância com o que deve ser entendida melhor como globalização, globalismo, globalidade. À medida que a sociedade evolui, novos interesses e novas necessidades surgem. O conforto, a facilidade, a velocidade, a cada minuto são superados por novos produtos, os quais à proporção que a inovação chega, tornam-se obsoletos. Esse prazo pode ser de um dia, e aqui não se trata de exagero. Pode estar errado. Se se levar em consideração que um produto criado por instituição bancária, no mesmo dia, o mesmo produto, vai para o mercado por instituição concorrente com nova versão. Ocorre que nem sempre há preocupação com as condições de trabalho de quem produz. Isto porque o sistema capitalista atual apresenta competitividade predatória. Enfim, é por conta dessa e outras situações que o tema interessa a todas as áreas do saber e cada qual o utiliza como lhe convém.

Percebe-se a globalização como um fenômeno porque constitui maneira de ligar o homem, na sua individualidade, ao resto do mundo na sua universalidade “[...] numa relação iterativa, multifacetária, difusa.” E, desta forma, Yussef Said Cahali, no prefácio da obra de Antônio Celso Baeta Minhoto, afirma tratar a globalização de fenômeno complexo dada a sua projeção na variedade de perspectivas que se entrelaçam e a consequente

intervenção do Direito². Por outro lado, ela é vista como um mito por falta de identidades específicas, padrão a ser seguido ou fonte histórica precisa³. É a aceção dos cétricos como Paul Hirst e Thompson Grahame.

O sentido ideológico não insere a concepção de globalização ao campo das teorias, tampouco ao das ciências. Isto porque não há conhecimento científico sem refutação; não há verdade absoluta; os argumentos não se mantêm frente fatos históricos concretos (LIMOEIRO-CARDOSO. *In*: GENTILI, Pablo, 2001, p. 98).

A tendência deste estudo é tratar o termo como fenômeno, tendo em vista as várias faces que a globalização pode se apresentar. Adequando-se a evolução dos tempos e estando sempre à frente, no sentido de impedir o marasmo e a mesmice.

Falar de encurtamento de distâncias⁴ ou de implemento da tecnologia como nova Revolução Industrial é talvez dar início ao debate de um assunto antigo, sobretudo atual e principalmente não resolvido, dadas as suas incongruências⁵.

Globalização, globalidade, globalismo são temas atribuídos à mesma situação fática de união dos povos por meio da informação e da tecnologia.

São vários os momentos da história em que pode ser identificada a globalização. São pontos de partida ou alterações de meio de vida. De fato, não é recente, mas a ideia é apresentada conforme o interesse e objetivo de pesquisa de cada estudioso. O próximo item tratará do assunto.

2 ONDAS OU FASES DE AVANÇOS E RETROCESSOS

A comunicação entre os povos necessitava de longas viagens e a sobrevivência se dava por troca entre povos vizinhos, até que o mercado se estendeu a nível global. Arion Sayão Romita explica o fenômeno da globalização como ondas com movimentos de avanços e retrocessos. E, de acordo com essas ondas, apresenta estudo em sua obra intitulada *Globalização econômica e Direito do Trabalho* (ROMITA, 1997, p. 8). Desta forma, a primeira globalização coincidiu com o Império Romano e terminou com o início do feudalismo. A segunda está relacionada às grandes descobertas dos séculos XIV e XV, por intermédio do grande fluxo de comércio internacional. Após as guerras napoleônicas, foi implementada a terceira onda

da globalização, a qual determina a supremacia do Liberalismo sobre o Mercantilismo, sendo superada pela Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918. Por fim, a quarta globalização, segundo o autor em referência, surge depois da Segunda Guerra Mundial, atingindo o seu apogeu com o fim da Guerra Fria. Sabe-se que, além desses fatos, o que atualmente é propagado é a inserção das novas tecnologias como fator preponderante para sua implementação. Os avanços e retrocessos explicados pelo autor dependem dos ciclos econômicos, desta forma, se a economia caminha bem, a sociedade vive bem, mas se a crise é desencadeada, o conflito ou a busca do novo são deliberados.

Fernando Alcoforado aborda os períodos de mundialização do capital, destacando suas fases e características: de 1450 a 1850, conhecida como primeira fase, tem como característica o expansionismo mercantilista; de 1850 a 1950, foi a segunda fase, cuja característica é tríplice, ou seja, industrial, imperialista, colonialista; de 1950 a 1989, foi a terceira fase, caracterizada pela descolonização – Guerra Fria – reestruturação produtiva; por fim, pós-1989, que, segundo o autor, trata-se de globalização recente, caracterizada pelo declínio do Estado-Nação – Reestruturação do sistema interestatal.

A fase do expansionismo mercantilista (1450-1850) iniciou com a procura de uma rota marítima para as Índias, abrindo aos conquistadores europeus as terras do Novo Mundo. A título de exemplo, nas Américas a mão de obra era escrava⁶ vinda da África ou indígena, e ainda as colônias de povoamento⁷ instituídas em sua maioria por exploração de famílias com pequena e média propriedade, na América do Norte.

Nessa fase, foi estabelecido um ciclo entre a Europa (fornecedora de produtos manufaturados), a África (fornecedora de escravos) e a América (exportadora de produtos coloniais), cujo objetivo era enriquecer apenas os cofres dos exploradores, uma vez que o Poder de um reino era medido pela quantidade de riqueza acumulada.

O período de 1850-1950, intitulado por Fernando Alcoforado, acima, como Industrial-imperialista-colonialista, constitui talvez o momento mais importante de mudança de hábitos, de evolução de vida. A passagem dos processos manuais de produção, com eliminação das corporações de ofício, para a mecanização (implemento da máquina a vapor). No Século XVIII, a

Inglaterra industrializou-se dando início ao que se tem chamado de Primeira Revolução Industrial⁸ e de transformação de modos de vida, o que caracteriza a globalização. Destacam-se ainda, neste período, a Revolução Americana de 1776 e a Francesa de 1789, com objetivo de realização pessoal e de ascensão social das massas, seguida dos resultados das guerras napoleônicas.⁹

Paul Hirst e Grahame Thompson informam que a forma de comunicação de mercados intercontinentais se dava por meio de cabos telegráficos na segunda metade do século XIX.¹⁰ Neste mesmo período, aconteceu a Segunda Revolução Industrial concretizada pelas invenções da época, a partir de 1860, conhecida como a “era do aço e da eletricidade”. Trata-se de desdobramento da globalização na era das Revoluções Industriais. Nesta fase, também aconteceram as duas Grandes Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945), relembram os autores. Fatos importantíssimos em que o capitalismo britânico e o francês foram superados pelo alemão e pelo norte americano. No entanto, após a Segunda Grande Guerra, duas superpotências (Estados Unidos e a ex União Soviética) deram início à chamada Guerra Fria.

A terceira fase, de 1950 a 1989, foi caracterizada pela Descolonização –Guerra Fria–Reestruturação produtiva. A descolonização se deu pelo enfraquecimento das então potências, em função das Guerras, tendo estas sido obrigadas a libertar os povos colonizados, os quais formaram nações independentes. Já a Guerra Fria (1947-1989), iniciada com o término da Segunda Guerra Mundial, entre os Estados Unidos e a ex-União Soviética desencadeou uma arisca competição armamentista e ideológica quase levando à Terceira Guerra Mundial. Com o fim da União Soviética,¹¹ os Estados Unidos declararam-se vencedores. O que marcou este fato foi a Queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989.

Neste período, outra constatação foi a reestruturação produtiva, objetivando oferecer respostas à crise do fordismo e do taylorismo. Neste período, outra constatação foi a reestruturação produtiva principalmente nos setores básicos de produção e de trabalho. Esta foi a Terceira Revolução Industrial, implementada pelo toyotismo,¹² cuja característica principal era a produção somente do necessário e no menor tempo possível. É a produção conforme a demanda. O conhecido *just in time*. Este modelo é caracterizado pelo seguinte: informática, sistemas integrados de produção,

telecomunicações; produção flexível, qualidade total, integração gerência-execução; trabalho polivalente, em equipe, flexível, em hierarquia; formação de megablocos comerciais; consumo com tendência à estagnação; os empregos tiveram forte retração principalmente na indústria, trabalho parcial precário e informal; além da reação dos trabalhadores com tendência à dessindicalização, fragmentação.

A última fase desta explanação refere-se ao Declínio do Estado-Nação–Reestruturação do sistema interestatal, cujo período se dá após 1989. O declínio do Estado-Nação foi constatado em função da perda da capacidade de se constituir uma economia territorialmente estabelecida sob controle próprio. O desenvolvimento de empresas multinacionais cujo lucro é maior do que o de muitos países. Esta situação acaba por comprometer a democracia de diversos países.

A Organização Internacional do Trabalho constituiu a Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização, a qual produziu o relatório denominado “Por uma globalização justa: criando oportunidades para todos”, em 2004, publicado no Brasil em 2005 (MTE, 2005). A Comissão ofereceu propostas visando a que os benefícios para a globalização pudessem “chegar a mais pessoas e ser mais bem distribuídos entre os países e dentro deles, permitindo que mais pessoas possam influir no seu curso”¹³. Objetivou ¹⁴

[...] um processo de globalização de forte dimensão social, baseada em valores universais compartilhados e no respeito aos direitos humanos e à dignidade da pessoa; uma globalização justa, integradora, dirigida democraticamente e que ofereça oportunidades e benefícios tangíveis a todos os países e a todas as pessoas.

Para orientar tal processo, a Comissão definiu as seguintes diretrizes: enfoque centralizado nas pessoas; Estado democrático e eficaz; desenvolvimento sustentável; mercados produtivos e equitativos; regras justas (igualdade de oportunidades e de acesso para todos os países); globalização solidária; maior responsabilidade perante as pessoas; associações mais comprometidas; Organização das Nações Unidas eficaz¹⁵.

O estudo continua e as evidências quanto à falta de pensamento concorde, no que se refere à origem do fenômeno da globalização, permanecem. A contribuição, desta feita, é retirada da Organização

Internacional do Trabalho e, mais precisamente, da Declaração sobre a Justiça social para uma globalização mais equitativa de 2008.

[...] o contexto atual da globalização, caracterizado pela difusão de novas tecnologias, a circulação das ideias, o intercâmbio de bens e serviços, o crescimento da movimentação de capital e fluxos financeiros, a internacionalização do mundo dos negócios e seus processos, do diálogo bem como da circulação de pessoas, especialmente trabalhadoras e trabalhadores, transforma profundamente o mundo do trabalho:

- por uma parte, o processo de cooperação e integração econômicas tem contribuído a beneficiar certo número de países com altas taxas de crescimento econômico e de criação de empregos, a integrar um número de indivíduos pobres da zona rural na moderna economia urbana, a elevar seus objetivos de desenvolvimento e a estimular a inovação na elaboração de produtos e circulação de ideias;

- por outra parte, a integração econômica mundial tem confrontado muitos países e setores com grandes desafios no tocante à desigualdade de ingressos, à persistência de níveis de desemprego e pobreza elevados, a vulnerabilidade das economias diante das crises externas e o aumento, tanto do trabalho precário como da economia informal, que têm incidência na relação de trabalho e na proteção que esta pode oferecer.

A globalização revela duas faces de uma mesma moeda. De um lado estão as grandes potências representadas pelo poderio econômico e ditador de economia de mercado e de outro estão os países em desenvolvimento, sempre à mercê daqueles e percebendo a “olhos nus” o aumento da distância, da desigualdade, informalidade, da precariedade.

Apesar do exposto, há quem afirme ser a globalização fenômeno recente, difundido no decênio de 1980 para indicação da integração mundial do setor financeiro por implemento dos fluxos de capital após as desregulamentações e abertura dos sistemas financeiros nacionais. Partindo daí a tendência da criação de um espaço global (CECEÑA & SADER, 2002, pp. 45 e 46). A rigor, o objetivo e linha de raciocínio anterior permanecem. Segundo esta orientação, interesses são manipulados a serviço do grande capital. E sempre o foram. É fato que não nos moldes atuais, até mesmo por conta de o sistema capitalista ser de alguns séculos atrás, mas a cobiça e a prevalência do homem sobre o homem com objetivo de crescimento pessoal sempre existiram, o que modifica são as formas de implementação. É o que se verá no item a seguir.

3 OU SERÁ UM FENÔMENO RECENTE?

Kostas Vergopoulos credita a origem da globalização aos últimos decênios do século XX. A explicação quanto à união dos povos e nível de vida das populações é a mesma, uma vez que afirma não ter a globalização caráter próprio. Em seguida, admite que na atual globalização há algo de obsoleto “[...] como se ela estivesse com atraso de uma guerra [...]” (VERGOPOULOS, 2005, pp. 25-26). Por mais que o autor entenda tratar-se de fim ideológico, parece necessária a conjugação com o aspecto fenomenal que se restaura a cada ciclo como vem sendo exposto até então.

Segundo o autor, nesse período, a globalização está limitada a objetivos “abolicionistas” e os enumera:

[...] desnacionalizações, desestatizações, liberalizações, desregulamentações, redução das despesas públicas, redução dos déficits públicos, redução do consumo, amputação das rendas, dos salários, do custo do trabalho, da inflação, do emprego, desinvestimento, diminuição do crescimento [...] (VERGOPOULOS, 2005, p. 26)

Atribui o autor esses objetivos à imprevisibilidade do mercado. E à incerteza de preenchimento de tais necessidades. Sinceramente, parece certeza.

A globalização invariavelmente está ligada a períodos de integração, e na fala de hoje, acelerada. Percebe-se que também invariavelmente ligada a conflitos. É o que pode ser aduzido de artigo publicado pela Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE): “*Using integration in these markets as the benchmark, it is clear that globalization is not a new phenomenon*”¹⁶. Apesar disso, a instituição não volta tanto ao passado, pois credita a origem do fenômeno como episódios ocorridos ao final das duas Grandes Guerras Mundiais.¹⁷

Como a abordagem deste artigo refere-se à globalização como fenômeno que se renova e aprimora, com a evolução da sociedade torna-se válida a informação da OCDE no sentido de que os episódios mais recentes foram caracterizados por uma maior integração no comércio, pelos fluxos de capital e pela circulação de trabalhadores destacando haver diferença de importância entre cada um dos episódios.¹⁸

A atual versão da globalização atingiu proporção jamais mensurada, por isso, a referência em relação aos demais fatos da história da humanidade. Iniciou com o uso das novas tecnologias e conseqüente encurtamento de distâncias pela utilização da internet, além do incremento do fluxo do comércio mundial conduzido pelas grandes potências. A formação dos blocos econômicos constitui outro viés da globalização, e este fato pode inclusive acarretar a fragmentação no lugar de ordem mundial única¹⁹. Isto ocorre porque as diferentes nações com diferentes culturas jamais se unirão com finalidade única de desenvolvimento e crescimento equitativos com vida digna para todos sem exclusão de ninguém. Seria primário supor tal situação.

Aos países desenvolvidos não interessa o desenvolvimento dos demais, pelo fato de conseguirem manter sua hegemonia à custa de anos e anos de exploração e submissão econômica das pequenas economias.

CONCLUSÃO

O progresso e o desenvolvimento das nações são fundamentais para o homem. No entanto, o que deve ser sopesado é em que medida, porque a certeza é a de que deve ser integralmente humano. Não se trata de crescimento aliado a desenvolvimento como economia pura, ou melhor, matemática pura, mas construir com solidariedade uma sociedade justa e fraterna. Os céticos, os agnósticos, os insensíveis de uma maneira geral dirão: puro romantismo.

O fato é que, independentemente de sua origem, inúmeros resultados positivos são visíveis, tais como, avanço da tecnologia em transporte e telecomunicações; circulação de pessoas e capitais; difusão do conhecimento. Utópico seria pensar que apenas benefícios trouxe. Inúmeros são os malefícios, mas esses devem ser combatidos. O primordial é desenvolver os aspectos positivos com vistas a diminuir desigualdades e proporcionar dignidade.

Pelo exposto, constata-se que a globalização trata-se de fenômeno inerente à sociedade antiga, porém, com denominação recente. É percebida em momentos de avanços após períodos de crise, pois medidas são implementadas para o enfrentamento da situação drástica. É estudada por

todas as áreas do saber pelo fato de todas se entrelaçaram para o incremento do convívio social.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ “[...] o termo carrega, como marca de origem, um elevado índice de ideologização.” (GOMEZ, José Maria. *Globalização da política: mitos, realidades e dilemas*. In: GENTILI, Pablo (Org). **Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na ordem mundial**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2001, p. 129.). “A acepção dominante de ‘globalização’ é, pois, uma ideologia.” LIMOEIRO-CARDOSO, Mirian. *Ideologia da globalização e (des) caminhos da ciência social*. In: GENTILI, Pablo (org). *Idem*. p. 98.)

² CAHALI, Yussef Said. Prefácio. In: MINHOTO, Antônio Celso Baeta. **Globalização e Direito: o impacto da ordem mundial global sobre o Direito**. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2004, p. IX.

³ “[...] a ausência de um modelo de nova economia global comumente aceito e de uma referência a como ela se diferencia de estágios anteriores da economia internacional; em segundo lugar, na ausência de um modelo claro contra o qual medir tendências, a inclinação fortuita a citar exemplos de internacionalização de setores e processos como se fossem uma evidenciado crescimento de uma economia denominada por forças autônomas do mercado global; e em terceiro, a lacuna de fundo histórico, a tendência a retratar mudanças correntes como únicas e sem precedentes, firmemente fixadas para persistirem por muito tempo no futuro.” (HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. **Globalização em questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade**. Tradução de Wanda Caldeira Brant. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 14.)

⁴ “[...] a globalização representa uma mudança significativa no alcance espacial da ação e da organização sociais, que passa para uma escala inter-regional ou intercontinental. Isso significa que, necessariamente, a ordem global suplante ou tenha precedência sobre as ordens locais, nacionais ou regionais da vida social”. (HELD, David e MACGREW, Anthony. **Prós e contras da globalização**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001, pp. 12 e 13.)

⁵ “[...] A desigualdade da globalização garante que ela fique longe de ser um processo universal, uniformemente experimentado em todo o planeta.” (*Idem*, p. 14)

⁶ “Para atender às primeiras colônias de exploração, o brutal tráfico negreiro tornou-se rotina, fazendo com que 11 milhões de africanos (40% deles destinados ao Brasil) fossem transportados pelo Atlântico para labutar nas lavouras e nas minas.” (ALCOFORADO, Fernando. **Globalização e desenvolvimento**. São Paulo: Nobel, 2006, p. 21.)

⁷ “O sucesso da colônia de povoamento estabelecida nos Estados Unidos no século XVII deveu-se fundamentalmente ao fato de a Inglaterra contar com um excedente de mão de obra barata, o que não ocorreu com a Espanha e Portugal quando iniciaram a ocupação da América.” (*idem*.)

⁸ “Iniciada na Inglaterra, no ano de 1780, também chamada ‘era do carvão’ e do ferro, a ‘Revolução Industrial’ foi assim denominada por ter sido responsável por profundas e radicais transformações. Embora tenha causado mudanças na indústria, agricultura, pecuária, e no comércio, as mais profundas se deram nos meios de produção. Foi introduzida a prática mecânica, com máquinas a vapor e a carvão, o trabalho assalariado, e a sociedade deixou de ser rural para ser urbana.” (*Ibidem*. p. 24.)

⁹ Ainda no que se refere ao trabalho “[...] e da generalizada abolição da servidão e de outros impedimentos feudais, milhões de europeus (calculam-se 60 milhões num século) abandonaram seus lares nacionais e emigraram em massa para os Estados Unidos, o Canadá e para a América do Sul (Brasil, Argentina, Chile e Uruguai). A emigração massiva da Europa, no século XIX, teve um papel importante no processo de desenvolvimento do Brasil e, sobretudo, dos Estados Unidos, que se constituíram mais tarde no centro hegemônico da economia mundial.” (*Ibidem*. p. 27.)

¹⁰ “A economia internacional tem uma história complexa de abertura e fechamento relativos, desde que um verdadeiro sistema comercial mundial foi criado na segunda metade do século XIX. A partir da década de 1860, cabos telegráficos submarinos ligaram os mercados intercontinentais. Eles possibilitaram o comércio diário e a determinação do preço através de milhares de milhas de distância [...]. Chicago e Londres, Melbourne e Manchester eram ligados em tempo real.” (HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. *Op. cit.* p. 14.)

¹¹ Edmilson Costa é contra o fato de que a queda da União Soviética possa ser considerada um marco da globalização. Isto porque, segundo o autor: “[...] relacionar a globalização com a queda da URSS é esquecer que quando a URSS desmoronou a globalização, tanto produtiva quanto financeira, já estava consolidada em escala planetária.[...]” (COSTA, Edmilson. **A globalização e o capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Expressão popular, 2008, p. 60.)

¹² “[...]O toyotismo descaracteriza a social-democracia. Cada vez mais, menos pessoas trabalharão e mais estarão à mercê da própria sorte, sem emprego e em perspectiva.” (ALCOFORADO, Fernando, *Op. cit.* p. 62)

¹³ **A fair globalization: creating opportunities for all.** Disponível em <http://www.ilo.org/public/english/wcsdg/docs/report.pdf>. Acesso em 10 de mai. de 2016.

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ *Ibidem*

¹⁶ Quer dizer: utilizando a integração como referência nesses mercados, é claro que a globalização não é um fenômeno novo. **WTO.** Disponível em <http://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/anrep_e/wtr08-2b_e.pdf> Acesso em 04 de mai. de 2016.

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ *Ibidem.*

¹⁹ Exatamente o oposto do que afirmou André-Jean Arnaud: “A globalização é um movimento em direção a uma sociedade planetária”. (ARNAUD, André-Jean. *Dicionário da Globalização*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006, p. 6)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A fair globalization: creating opportunities for all. Disponível em <http://www.ilo.org/public/english/wcsdg/docs/report.pdf>. Acesso em 10 de mai. de 2016

ALCOFORADO, Fernando. **Globalização e desenvolvimento**. São Paulo: Nobel, 2006.

CECEÑA, Ana Esther e SADER, Emir. **A guerra infinita: hegemonia e terror mundial**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: LPP; Buenos Aires: CLACSO, 2002.

GENTILI, Pablo (Org). **Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na ordem mundial**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2001.

HELD, David e MACGREW, Anthony. **Prós e contras da globalização**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. **Globalização em questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade**. Tradução de Wanda Caldeira Brant. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MINHOTO, Antônio Celso Baeta. **Globalização e Direito: o impacto da ordem mundial global sobre o Direito**. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2004.

ROMITA, Arion Sayão. **Globalização da economia e Direito do Trabalho**. São Paulo: LTr, 1997.

VERGOPOULOS, Kostas. **Globalização, o fim de um ciclo: ensaio sobre a instabilidade internacional**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

WTO. Disponível em <http://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/anrep_e/wtr08-2b_e.pdf> Acesso em 04 de mai. de 2016.

Recebido em: 10 de outubro de 2015

Aceito em: 14 de setembro de 2015